



UNILA

Universidade Federal
da Integração
Latino-Americana

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**DESENVOLVIMENTO RURAL E
SEGURANÇA ALIMENTAR (DRUSA)**

**OS EFEITOS E REPERCUSSÕES DA COVID-19 SOBRE A SEGURANÇA
ALIMENTAR E OS CANAIS DE COMERCIALIZAÇÃO DOS AGRICULTORES
FAMILIARES EM FOZ DO IGUAÇU – PR**

GIULIANO TOURINO LOPES

Foz do Iguaçu
2022

**OS EFEITOS E REPERCUSSÕES DA COVID-19 SOBRE A SEGURANÇA ALIMENTAR
E OS CANAIS DE COMERCIALIZAÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES EM FOZ
DO IGUAÇU – PR**

GIULIANO TOURINO LOPES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar.

Orientador: Prof. Dr; Dirceu Basso

Foz do Iguaçu
2022

GIULIANO TOURINO LOPES

**OS EFEITOS E REPERCUSSÕES DA COVID-19 SOBRE A SEGURANÇA ALIMENTAR
E OS CANAIS DE COMERCIALIZAÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES EM FOZ
DO IGUAÇU – PR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Dirceu Basso
UNILA

Prof. Dr. Régis da Cunha Belem
UNILA

Prof. Dr. Valdemar João Wesz Junior
UNILA

Foz do Iguaçu, 06 de junho de 2023.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): GIULIANO TOURINO LOPES

Curso: BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL E SEGURANÇA ALIMENTAR

	Tipo de Documento
(X) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(X) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....) _____

Título do trabalho acadêmico: OS EFEITOS E REPERCUSSÕES DA COVID-19 SOBRE A SEGURANÇA ALIMENTAR E OS CANAIS DE COMERCIALIZAÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES EM FOZ DO IGUAÇU – PR

Nome do orientador(a): PROF. DR. DIRCEU BASSO

Data da Defesa: 06/06/2023

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública Creative Commons Licença 3.0 Unported.

Foz do Iguaçu, 06 de junho de 2023.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho a memória eterna das
vítimas da Covid-19

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todos e todas que contribuíram para a conclusão deste trabalho de conclusão de curso.

Em primeiro lugar, aos meus pais Cleomer Lopes e Maria Aparecida Tourino Lopes, a minha irmã (Tatiana Tourino Lopes, que me proporcionaram a educação formal e informal necessárias para que eu pudesse ter condições de buscar o conhecimento necessário para me desenvolver como indivíduo e em coletivo.

A minha companheira Kira que sem ela minha vida não teria esse horizonte repleto de amor, carinho e apoio que me fortalece na caminhada.

Ao Cauê, meu filho e filho de Kira e filho da própria vida, a luz de todo dia em muitas vidas que o cercam.

Agradeço também aos meus professores de DRUSA, em especial ao meu orientador estimado Professor Dirceu Basso e a Professora Erika Marafon Rodrigues Ciacchi que foi de extrema importância para o sucesso da minha pesquisa.

Aos professores da banca, obrigado pela vivência e pelo tempo e disponibilidade de sempre.

Este trabalho não existiria sem o total apoio das pessoas que disponibilizaram seus tempos e compartilharam suas vivências e saberes de forma tão generosa comigo durante todo período do trabalho e também em encontros pela cidade; eterna gratidão a Sra. Luci, Lucivânia, Sr Ido, Sr José, pessoas do sol a sol, da conversa olho no olho, cheios de vontade e disponibilidade para a terra e para as pessoas, estes representam neste trabalho tantos e tantas que alimentam o corpo, a alma e as lutas.

Além disso, não posso deixar de agradecer aos meus amigos que encontrei na universidade e a comunidade de Foz do Iguaçu que contribuíram para meu crescimento pessoal e me apoiaram ao longo dessa jornada.

Grato Brenda, Dra Karen Fagundes pela gentileza da escuta e da fala, grato Ingrid e Miguel, Hector, Jandir e Sandra pelo apoio e solidariedade, grato família Alquimia Pescados, e a todos que me deram suporte para terminar este trabalho.

Agradeço também pela atenção e profissionalismo que encontrei junto aos técnicos administrativos que aqui estendo em nome de Carlos Alexander Benitez, e um muito obrigado aos trabalhadores da manutenção dos campi.

Por fim, sou grato à Universidade UNILA por proporcionar um ambiente plural e enriquecedor de aprendizado com senso crítico e humanitário.

*Es necesario hacer un mundo nuevo.
Un mundo donde quepan muchos mundos, donde
quepan todos los mundos.*
Subcomandante Marcos - EZLN

LOPES, Giuliano T. **Os Efeitos e Repercussões da Covid-19 Sobre a Segurança Alimentar e os canais de comercialização dos Agricultores Familiares em Foz do Iguaçu – PR.** 2022. 37 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar — Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMO

O estudo refere-se aos impactos da pandemia por Covid-19 sobre os agricultores familiares que atuam em canais de comercialização de proximidade. A pandemia gerou efeitos e repercussões sobre a renda dos agricultores e a segurança alimentar. A questão colocada no estudo tem em vista observar em que medida os agricultores familiares foram impactados pela pandemia da Covid-19 nos momentos de *lockdowns* e de fechamento de fronteiras. Por sua vez, o objetivo do estudo visa compreender de que forma os agricultores familiares, que atuam nos mercados de proximidade, foram impactados pela pandemia tanto nos canais de comercialização quanto na segurança alimentar. Trata-se de uma abordagem qualitativa, com 05 lideranças de agricultores familiares de Foz do Iguaçu a partir de um questionário aberto. Justifica a pesquisa a necessidade de avaliar os impactos sobre as famílias dos agricultores com vistas a mitigar seus efeitos e repercussões negativas e potencializar os positivos que ocorreram. Observou-se que houve impactos negativos sobre a renda financeira, mas que a segurança alimentar e nutricional foi pouco ou nada afetada.

Palavras-chave: Pandemia por Covid-19. Agricultores familiares. SAN. Autoconsumo. Mercado de Proximidade

LOPES, Giuliano T. **Los Efectos y Repercusiones del Covid-19 en la Seguridad Alimentaria y los Canales de Comercialización de los Agricultores Familiares de Foz do Iguaçu - PR.** 2022. 37 páginas. Trabajo de Conclusión de Curso en Desarrollo Rural y Seguridad Alimentaria - Universidad Federal de Integración Latinoamericana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMEN

El estudio se refiere a los impactos de la pandemia de Covid-19 en los agricultores familiares que operan en canales de comercialización de proximidad. La pandemia ha generado efectos y repercusiones en los ingresos de los agricultores y en la seguridad alimentaria. La pregunta planteada en el estudio busca observar en qué medida los agricultores familiares se vieron afectados por la pandemia de Covid-19 durante los momentos de confinamiento y cierre de fronteras. A su vez, el objetivo del estudio busca comprender de qué manera los agricultores familiares que operan en los mercados locales se vieron afectados por la pandemia, tanto en términos de canales de comercializaciones como de seguridad alimentaria. Se trata de un enfoque cualitativo, con 05 líderes de agricultores familiares de Foz do Iguaçu a través de un cuestionario abierto. La investigación se justifica por la necesidad de evaluar los impactos en las familias de los agricultores con el fin de mitigar los efectos y repercusiones negativas y potenciar los positivos que se han producido. Se observó que hubo impactos negativos en los ingresos financieros, pero que la seguridad alimentaria y nutricional se vio poco o nada afectada.

Palabras clave: Pandemia por Covid-19. Agricultores familiares. SAN. Autoconsumo. Mercado de Proximidad

LOPES, Giuliano T. **The Effects and Repercussions of Covid-19 on the Food Security and the Marketing Channels of Family Farmers in Foz do Iguacu - PR.** 2022. 37 pages. Undergraduate Thesis in Rural Development and Food Security — Federal University of Latin American Integration, Foz do Iguacu, 2022.

ABSTRACT

The study refers to the impacts of the Covid-19 pandemic on family farmers who work in local trading channels. The pandemic had effects and repercussions on farmers' incomes and food security. The question posed in the study seeks to observe the extent to which family farmers were impacted by the Covid-19 pandemic in times of lockdowns and border closures. In turn, the objective of the study seeks to understand how family farmers, who work in regional markets, were impacted by the pandemic in the yours Marketing Channels and food security. It is about a qualitative approach, with five leaders of family farmers in Foz do Iguacu based on an open questionnaire. The research justifies the need to assess the impacts on the families of farmers in order to mitigate their effects and negative repercussions and enhance the positive outcomes that occurred. It was observed that there were negative impacts on the financial income, but that food and nutritional security was little or not affected at all.

Keywords: Covid-19 pandemic. Family farmers. FNS. Self-consumption. Local market

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição percentual da Segurança Alimentar e dos níveis de Insegurança Alimentar (IA) no Brasil e na localização dos domicílios (urbano e rural)

24

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização do município de Foz do Iguaçu — PR

19

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição percentual da condição de Segurança Alimentar e dos níveis de Insegurança Alimentar de domicílios de agricultores familiares/produtores rurais, no Brasil e macrorregiões rurais 25

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADEOP	Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná
AF	Agricultura Familiar
CAPA	Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia
CEASA	Centrais de Abastecimento
COAFASO	Cooperativa da Agricultura Familiar e Solidária do Oeste do Paraná
COAFFOZ	Cooperativa da Agricultura Familiar de Foz Do Iguaçu
CONSEA	Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
COVID-19	Coronavírus <i>Disease</i> 2019
CSA	Comunidades que Sustenta a Agricultura
DHAA	Direito Humano à Alimentação Adequada
EZLN	Exército Zapatista de Libertação Nacional
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
FECAFES	Federação de Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária do Estado do Paraná
IA	Insegurança Alimentar
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
II VIGISAN	Segunda Vigilância Sanitária
IICA	Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura
ILAESP	Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
MMC	Movimento de Mulheres Camponesas
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OMS	Organização Mundial da Saúde
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PENSSAN	Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
SAN	Segurança Alimentar e Nutricional
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNICAFES	União Nacional da Cooperativa de Agricultores Familiares e de Economia Solidária
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	20
2.1 SAN	20
2.2 SARS-CoV-2 / Covid-19	21
2.3 Pandemia e Economia	21
2.4 Agricultura Familiar	22
2.5 Mercados de proximidade: mais que comércio	23
2.6 Os impactos da Covid-19 sobre a população rural	24
3 DADOS E DISCUSSÕES	27
3.1 As relações com os canais de comercialização em tempos de pandemia	27
3.2 Segurança Alimentar das Famílias	33
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

No dia 31 de dezembro de 2019 a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram ter identificado um novo tipo de coronavírus. Em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2, responsável por causar a doença Covid-19 (Coronavírus *disease*, ano 2019). No Brasil, o primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil foi registrado no dia 26 de fevereiro de 2020. Em 11 de março de 2020, uma vez identificados surtos de Covid-19 em vários países e regiões do mundo, a doença foi caracterizada pela OMS como uma pandemia.

O presente estudo analisa alguns dos impactos da pandemia sobre os agricultores familiares de Foz do Iguaçu, em particular no que se refere à alimentação das famílias e seus canais de comercialização. Observa-se que a pandemia atinge a humanidade nas vertentes macro e micro, tanto na saúde quanto nas atividades econômicas e sociabilidade nos mercados.

Portanto, para compreender os efeitos e repercussões da pandemia sobre as famílias dos agricultores foi definido a seguinte pergunta: em que medida os agricultores familiares foram impactados pela pandemia do Covid-19 nos momentos de *lockdowns* e de fechamento de fronteiras?

Diante disso, o objetivo geral do estudo é compreender de que forma os agricultores familiares, que atuam nos mercados de proximidade, foram impactados pela pandemia do Covid-19. Entre os objetivos específicos analisar: i) como ocorreu o processo de venda dos produtos dos agricultores e seus canais de comercialização ; ii) os impactos sobre a segurança alimentar da família.

A perspectiva de abordagem desta investigação é qualitativa com lideranças de agricultores familiares de Foz do Iguaçu do Estado do Paraná. As quais atuam nos canais de mercados de proximidades. Na metodologia foi contemplado leituras a partir da literatura bibliográfica e da literatura documental. Foram realizadas entrevistas com questões abertas com cinco representantes deste grupo que são: Presidente da COAFFOZ (Cooperativa da Agricultura Familiar de Foz Do Iguaçu), Presidente da COAFASO (Cooperativa da Agricultura Familiar e Solidária do Oeste do Paraná) e Segundo secretário da FECAFES (Federação de Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária do Estado do Paraná), um agricultor do MST sócios da COAFFOZ,

uma agricultora sem associação a nenhuma organização/independente e uma liderança do MMC (Movimento de Mulheres Camponesas), também conselheira do CONSEA (Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional).

As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2022, sendo quatro entrevistas presenciais e uma online. As quais duas foram gravadas áudio, duas foram filmadas e uma anotação em bloco de campo. No capítulo 3 os entrevistados serão respectivamente identificados como como Luci Andreggetti dos Santos; José Bussolo; Ido José Feyk; Lucivania Felix e Sandra Marli da Rocha Rodrigues.

Após a coleta dos dados foi realizada uma transcrição das falas e uma análise das informações alcançadas.

Justifica este trabalho a necessidade de avaliar, ainda que em parte, os impactos sofridos pelas famílias de agricultores com a pandemia da Covid-19. Identificar tais problemas pode contribuir para minimizar os seus efeitos, seja por meio da própria organização dos agricultores, por solidariedade entre os atores, de organizações sociais e também, pela via das políticas públicas de Governo e Estado. Ainda, nos fornece aprendizados, novos conhecimentos, que contribuem para amenizar novas catástrofes. Algumas estratégias como a utilização dos meios digitais, ampliar canais de consumidores nas cadeias curtas de produção e consumo, assim como o autoconsumo tiveram destaque neste período.

Importante destacar que o consumo de legumes, frutas e hortaliças; assim como de origem animal e seus derivados é uma característica de muitos agricultores, ou seja, o autoconsumo na pandemia além de ser um hábito saudável, foi de extrema importância neste período de instabilidade econômica.

Essa relação autoconsumo saudável, sustentabilidade e o local em que o alimento é produzido está diretamente ligada à relação destas famílias com a terra.

Más bien durante la pandemia se vio la necesidad de producir para el consumo, se valoró nuevamente la tierra y lo que ofrece para producir alimentos saludables. (MOLINAS BOGADO, 2022)

Além desta introdução, no capítulo 02 é abordado a noção da segurança alimentar, da Covid-19, a agricultura familiar e os mercados de proximidade. No capítulo 03 é destacada os dados, informações e percepções obtidas nas entrevistas, acompanhada de análises. Por fim, as considerações finais.

O município de Foz do Iguaçu está situado na mesorregião oeste paranaense, no extremo oeste do Estado do Paraná, na confluência dos rios Paraná e

Iguaçu. É conhecido por fazer fronteira com o Paraguai e a Argentina, formando a área conhecida como Tríplice Fronteira. De acordo com dados do IPARDES (2022), Foz do Iguaçu abrange uma área de 608,357 km².

Este território registra uma pré e proto-história de aproximadamente a 6.000 a.C., com vestígios da presença humana na região registrada em 210 sítios arqueológicos localizados na margem esquerda do Rio Paraná, área nomeada como Projeto Arqueológico Itaipu, (CHMYZ, 1982, p.10). Um salto no tempo nos leva a uma transformação geoeconômica e social da cidade que foi a construção da Hidrelétrica de Itaipu (Brasil — Paraguai), iniciada na década de 70. Um exemplo do impacto que a obra causou é que em 1960, o município contava com 28.080 mil habitantes e em 2021 era de 257.971 habitantes (IBGE, 2021).

Mapa 1 – Localização do município de Foz do Iguaçu — PR



Fonte: Jornal a voz do Paraná, 2009

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 SAN

A Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), segundo Losan, é o direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis. (LOSAN, 2006)

O CONSEA destaca a dignidade da pessoa humana e explicita a máxima “O Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA)”, com todas as características da responsabilidade do Estado e da representatividade da sociedade.

Foi na Conferência Internacional de Nutrição, realizada em Roma, em 1992, pela FAO e pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Agrega-se definitivamente o aspecto nutricional e sanitário ao conceito, que passa a ser denominado Segurança Alimentar e Nutricional (VALENTE, 2002).

Assim, SAN segundo Maluf são, “duas faces da mesma moeda”, não se podendo garantir uma delas sem que a outra também esteja garantida (MALUF e MENEZES, 2000, p. 3).

A complexidade das ações de governos e Estado no que se refere ao direito humano à alimentação adequada está não dissociada a fatores amplos e estruturais e ações que tenham maior abrangência e contemple a diversidade sócio cultural do país, como consta no relatório do CONSEA.

Segurança alimentar e nutricional também é garantir alimentação para indivíduos e grupos sociais de acordo com suas necessidades em respeito às características inerentes a grupos distintos e pertencentes à sociedade o que é a equidade alimentar.

Portanto, o papel do Estado está proporcionalmente atrelado às políticas públicas voltadas para SAN e nas demais variáveis que interferem no desenvolvimento humano, impactando diretamente nas dimensões sociais, ambientais e políticas. A política de Segurança alimentar não pode ficar na total responsabilidade do Estado é também uma política cidadã que a sociedade tem e deve se apropriar para reivindicar e também propor sua aplicação e abrangência.

2.2 SARS-CoV-2 / Covid-19

Os vírus, incluindo o SARS-CoV-2, que causa a Covid-19, sofrem alterações com o tempo. A maioria das alterações têm pouco ou nenhum impacto nas propriedades físico-químicas do vírus. No entanto, algumas mutações podem tornar o vírus mais perigoso para os seres humanos, aumentando sua capacidade de disseminação e o grau de letalidade.

Em junho de 2020, a OMS acionou o Grupo de Trabalho de Evolução do Vírus visando estudar as variantes do SARS-CoV-2. No final de 2020, surgiram variantes que representavam um risco aumentado para a saúde pública global. Em resposta, a OMS passou a classificar algumas dessas variantes como variantes de interesse (VOIs) e variantes de preocupação (VOCs). À medida que o vírus se espalhava globalmente, a OMS decidiu usar a terminologia “Covid-19” em vez da taxonomia oficial do vírus, SARS-CoV-2.

Em uma entrevista de fevereiro de 2020, o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, discute o termo “Covid-19”: “Tivemos que encontrar um nome que não se referisse a uma localização geográfica, um animal, um indivíduo ou grupo de pessoas, e que também seja pronunciável e relacionado à doença”, disse o chefe da OMS.

2.3 Pandemia e Economia

Medidas preventivas como as sanitárias, os *lockdowns* e fechamento das fronteiras foram adotadas para diminuir o contágio pelo SARS-CoV-2.

Neste contexto surge o receio do desabastecimento de gêneros alimentares e de higiene, a falta de perspectiva do retorno às atividades e o aumento dos preços dos alimentos, decorrente da alta demanda, custos de produção e logística. Segundo o IBGE, no acumulado de 12 meses do ano de 2021, a alta dos preços foi de 12,54% e 21,39% desde o início da pandemia 2020/2021.

A Covid-19 se mostrou, portanto, catalisadora das fragilidades sociais frente a um contexto de emergência sanitária global, globalização da economia e relações de comércio; dimensões essas que apontam para a importância da ciência, mas também das ações solidárias e principalmente humanitárias.

A vulnerabilidade do sistema de políticas públicas e o fato destes não estarem preparados para auxiliar os agricultores familiares se torna crítica quando a pandemia atinge os programas de aquisição de alimentos pelo município como PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar).

Muitos agricultores tiveram as vendas paralisadas e/ou cancelamento de novas compras e, também, foram proibidos os acessos aos espaços usuais de venda (feiras livres e outros); assim, pressupondo neste estudo que estas famílias tiveram sua SAN comprometida em graus variados devido à própria natureza de seus produtos comerciais.

2.4 Agricultura Familiar

Ao buscarmos um conceito teórico do termo agricultura familiar nos deparamos como uma diversidade de conceitos.

Altafin destaca duas vertentes dentre tantas caracterizações. Uma que considera que a moderna agricultura familiar é uma nova categoria, gerada no bojo das transformações experimentadas pelas sociedades capitalistas desenvolvidas. E outra que defende ser a agricultura familiar brasileira um conceito em evolução, com significativas raízes históricas (ALTAFIN, 2007). Segundo a autora, tendo como foco o caso europeu, a primeira corrente citada considera não haver significado em buscar as origens históricas do conceito, como, por exemplo, estabelecendo uma relação com a agricultura camponesa.

Na sociedade moderna, a agricultura familiar apresenta-se como uma realidade multiforme e uma categoria genérica (WANDERLEY, 1999; GEHLEN, 2001). Para Wanderley agricultor familiar, mesmo que moderno, inserido ao mercado.

[...] guarda ainda muitos de seus traços camponeses, tanto porque ainda tem que enfrentar os velhos problemas, nunca resolvidos, como porque, fragilizado, nas condições da modernização brasileira, continua a contar, na maioria dos casos, com suas próprias forças (WANDERLEY, 1999: 52).

Já Abramovay nos mostra que a agricultura familiar moderna lança estratégias frente a um contexto sócio-econômico que pode variar abruptamente nas sociedades. Segundo ele, estes agricultores nem são capitalistas, nem camponês,

ocupam posição própria na estrutura de classe no meio rural. (ABRAMOVAY, 1997)

Portanto, a agricultura familiar tem suas próprias estratégias produtivas de reprodução social contribuindo para o desenvolvimento rural, bem como é parte garantidora de alimento para a população em geral

2.5 Mercados de proximidade: mais que comércio

Schneider (2010) afirma que fortalecer os meios de vida dos agricultores familiares implica a criação de mecanismos de diversificação das opções e estratégias de trabalho e renda. Esta afirmação foi melhor entendida pelos próprios agricultores familiares 10 anos depois ao se verem em uma crise econômica e sanitária sem precedentes nos tempos modernos.

Uma das estratégias e mecanismos abordados por diversos estudos são os mercados de proximidade entre o produtor e consumidor, se diferenciando dos canais de comercialização das cadeias longas de comércio, de seus produtos e de relações sociais.

Schneider (2016), para situar a discussão sobre os mercados para além do senso comum menciona as três formas de definição, os quais são:

- a) o mercado como um locus, um espaço físico determinado em que se realizam trocas materiais de produtos e mercadorias;
- b) o mercado como princípio ordenador da sociedade e da economia, tal como funciona o capitalismo;
- c) o mercado como uma construção social, resultante de processos de interação entre agentes que trocam e intercambiam por diferentes motivos, sejam eles econômicos, sociais ou culturais.

O benefício ao consumidor está atrelado a toda dinâmica de produção, distribuição e resiliência destes atores. WESZ (2007) reforça essa ideia ao afirmar que essas relações mercantis que tem como base o espaço inserido (circuito local) configuram certa proximidade entre a produção e o consumo, incorporado no local a presença dos recursos que podem ser mobilizados e adquiridos tanto fora quanto no interior das propriedades que agregam valor.

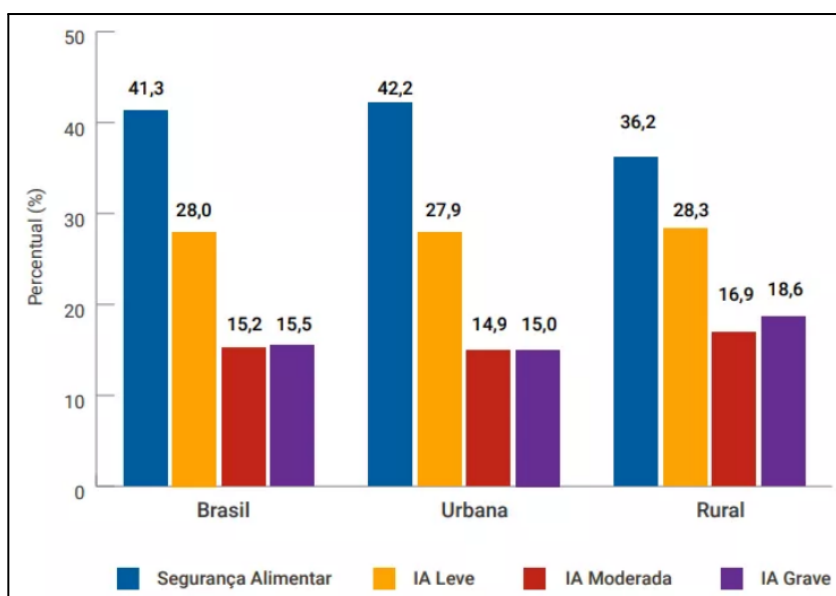
Portanto, fomentar iniciativas que valorizem a economia de mercado de proximidade contribui para diminuir a dependência de produtos externos, fortalece a

produção da agricultura familiar, bem como promove sustentabilidade nas dimensões ambientais, econômicas e sociais. Sendo que o que nos interessa neste estudo é a valorização do mercado como uma construção social.

2.6 Os impactos da Covid-19 sobre a população rural

Os impactos da Covid-19 foram sentidos de maneiras diferentes na zona urbana e zona rural. A crise econômica causada pela pandemia expôs o paradoxo rural e urbano ao observarmos pesquisa feita pela Rede PENSSAN (Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional) entre novembro de 2021 e abril de 2022.

Gráfico 1 – Distribuição percentual da Segurança Alimentar e dos níveis de Insegurança Alimentar (IA) no Brasil e na localização dos domicílios (urbano e rural)



Fonte: II VIGISAN, 2022

Na sequência dos estudos da Rede PENSSAN em seu relatório entre os domicílios rurais, o segmento da agricultura familiar sofreu o impacto da crise econômica, mas foi especialmente afetado pelo desmonte das políticas públicas voltadas para o pequeno produtor do campo.

As formas mais severas de IA (IA moderada ou grave) estavam presentes em cerca de 38,0% dos domicílios de agricultores(as) familiares/ produtores(as) rurais. A prevalência de IA grave era de 21,8%, mostrando que a fome atingia os moradores de mais de 1/5 dessas habitações. (Rede PENSSAN, 2022, p. 41).

Ao relacionarmos Covid-19, SAN e AF podemos destacar elementos como: à escassez de pedidos; baixa demanda de mercado; queda nos preços dos produtos da AF; fim de contratos formais e informais de fornecimento de alimentos de programa de governo. Estas variáveis, entre outras, afetaram e afetam diretamente a renda de muitos produtores.

Conforme a Tabela 2, no qual destaca a IA por região do país, podemos observar que ocorre um aumento gradativo na direção Sul – Norte.

Tabela 1 – Distribuição percentual da condição de Segurança Alimentar e dos níveis de Insegurança Alimentar de domicílios de agricultores familiares/produtores rurais, no Brasil e macrorregiões rurais

Brasil rural e macrorregiões rurais	Segurança Alimentar (SA) e níveis de Insegurança Alimentar (IA)			
	SA (%)	IA Leve (%)	IA Moderada (%)	IA Grave (%)
Brasil (n=435)	30,4	31,8	16,1	21,8
Norte	20,1	25,3	14,4	40,2
Nordeste	16,4	40,0	21,0	22,6
Centro-Oeste	32,6	28,8	22,1	16,5
Sudeste	60,6	17,3	6,5	15,6
Sul	70,2	16,0	3,5	10,3

Nota: Considerando a posição de agricultor/a ou produtor/a rural da pessoa responsável pelo domicílio.

Fonte: II VIGISAN, 2022

O Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) aponta como fatores que atingem a AF em termos gerais nas suas diversas peculiaridades: a falta de protocolos de segurança e proteção sanitária, interação com a comunidade; dificuldades de logística, transporte, distribuição e comercialização dos alimentos; restrições de acesso ao capital financeiro, acesso a insumos, e dificuldades de armazenamento da produção (IICA, 2020).

Assim, retomamos Schneider (SCHNEIDER 2020, p.168) no qual argumenta de que “(...) para compreender os potenciais efeitos e repercussões da pandemia sobre a agricultura e o setor alimentar do Brasil, é preciso tomar como referência o alcance global e sistêmico do problema”.

3 DADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, são destacados inicialmente os aspectos relacionados às relações dos agricultores familiares sujeitos deste estudo com os canais de comercialização, com o propósito de obter renda monetária. Em seguida, são apresentados os aspectos relacionados à segurança alimentar e nutricional das famílias entrevistadas.

3.1 As relações com os canais de comercialização em tempos de pandemia

Neste período, para alguns agricultores diante o custo de produção não valia a pena produzir pela falta de perspectiva de reabrir o comércio e fim de *lockdown* (Ent. 01). Mas, é importante ressaltar que não se observa o mesmo efeito em alguns núcleos familiares produtores individuais ou cooperativados. Para a entrevistada Sra Luci Andregretti dos Santos, Agricultora, Presidente da COAFFOZ, as dificuldades enfrentadas por alguns produtores da AF foi extrema devido ao isolamento exigido no período. Decorre disso, uma certa paralisação dos produtores sobre o que fazer e quais seriam as alternativas de produção, dado o fechamento ou restrição a canais de comercialização locais e, para causar mais dificuldades, o cancelamento do PAA e PNAE. Esses programas são de importância não só para o AF, mas como programa socioassistencial, de segurança alimentar e nutricional.

Vale observar que a alternativa logística adotada por alguns produtores e seus familiares, com ou sem apoio de uma rede estendida de solidariedade, que tinham acesso à internet foi a adoção de planos alternativos. A Sra Luci citou, como exemplo, a oferta de produtos nas redes sociais por meio de aplicativos de mensagens, sendo ou não em grupos de compras, caixas e sacolas com variedades de produtos atendendo as redes de consumidores que apoiam a AF como as CSA (Comunidades que Sustentam a Agricultura).

Desse modo, observa nessas iniciativas adotadas em tempo de pandemia um papel social e garantidor da segurança alimentar de parte da sociedade em articulação com estes agricultores e agricultoras resilientes. Agricultores estes que ao promover inovações em suas relações com os mercados de proximidades conseguiram

comercializar alguns produtos, obter alguma renda e ainda cumprir com valores sociais éticos e ecológicos.

Segundo a entrevistada, de modo geral e ainda que tenham realizado inovações na logística das vendas, não houve aumento na renda financeira da maioria dos AF com vendas locais tanto quanto foi observado nos mercados convencionais (cadeias longas e produtos de commodities) neste período específico. Para ela, no período mais grave da Pandemia os AF participantes de cooperativas já tiveram dificuldades em vários setores da cadeia produtiva de hortícolas e frutícolas, sendo que os não sócios poderiam aderir a estas organizações cooperar e se beneficiar do sistema.

De acordo com ela, é preciso observar sempre que“(...) cada caso é um caso, ela (renda) aumentou no começo e depois estabilizou porque eu trabalho com cestas orgânicas. No começo houve uma corrida de mais produtos meus e ficou tranquilo”.

Seja na pandemia ou em outros momentos, estar em redes organizadas e de apoio, constroem solidariedade e todos se fortalecem. Nesse sentido, a entrevistada Sandra Marli da Rocha Rodrigues, Dirigente Nacional do Movimento de Mulheres Camponesas do Brasil - MMC, conselheira titular do CONSEA, argumentou: “Porque sem uma entidade organizadora (cooperativa) não é possível organizar a comercialização!”

A presidente da COAFFOZ Sra, Luci Andregretti, que além de sempre estar acompanhando as organizações dos seus colegas agricultores, no período da pandemia vivenciou em sua propriedade outro modelo de comercializar seus produtos. Segundo ela: “a gente chama de (CSA) Comunidade que Sustenta a Agricultura e esse grupo me sustenta até hoje aqui no meu sítio (propriedade)”.

Após participar em processo que levou a reorganização dos agricultores, processo que resultou no desmembramento da Coafaso e a constituição de outra cooperativa de agricultores familiares de Foz do Iguaçu (COAFFOZ), ela ainda menciona o risco de permanecer apenas na COAFFOZ com sócios de Foz do Iguaçu. Pois segue ela, isso poderá ter dificuldades para colocar os produtos nas chamadas públicas estaduais: “(...) a princípio colocamos só sócio de Foz, mas depois a mesma questão se a gente ficasse só de Foz a gente não teria todos aqueles produtos da chamada estadual, e quando se tem poucos a gente não viabiliza as entregas”.

Contudo, já aliviada e passados nem dois anos da constituição da COAFFOZ, ela menciona o fato da cooperativa já estar comercializando produtos no

PNAE estadual e municipal e na compra direta. Para ela, isso foi possível devido à aprendizagem coletiva obtida durante o período que eram sócios da Coafaso que realizava vendas institucionais. Segue, comentando ela:

“(…) acreditamos que estamos cumprindo o objetivo da nova cooperativa (COAFFOZ). Contamos com apoio de assistência técnica do CAPA, da ADEOP e da Secretaria da Agricultura da prefeitura. Isso mostra a gente tá bem vista, a cooperativa começou bem e com o pé direito. Em breve, a gente vai tentar entrar no mercado particular (privado) aqui de Foz do Iguaçu, como bares, restaurantes, hotéis. Para isso, vamos fazer uma pesquisa, vendo qual linha de produtos que a gente vai querer entrar (nesse outro mercado)”.

Importante observar que a COAFFOZ deseja atuar em canais de comercialização para além dos mais conhecidos, o PNAE e o PAA. Nas palavras da Sra Luci Andregghetti; podemos constatar sua percepção sobre os mercados locais:

“A gente não quer ficar só nos programas do governo, estamos tentando agora já fazer trabalho com grupos para trabalhar nessa linha desse mercado privado de Foz. A gente sabe que a concorrência vai ser grande (mas,) a gente tem professores da UNILA (Universidade Federal da Integração Latina-Americana) que nos apoiam, a gente se associou a UNICAFES (União Nacional das cooperativas de Agricultores Familiares e de Economia Solidária), enfim; a gente tem as portas do poder público aberta dentro do município, o Estado é mais complicado né... mas acreditamos que para os próximos anos vai ter mais diálogo com o Estado, na esfera federal também... que vai ter mais distribuição de renda e vai ser mais olhado esse lado da agricultura familiar, estamos esperançosos e trabalhando muito”.

A comercialização de alimentos para o Governo Municipal, por meio dos programas, continuou a ocorrer, contudo, destaca Sra Luci Andregghetti que:

“(…) só que como estava com bem poucas aulas (devido à pandemia), então, também, caiu (as compras) na Pandemia. Mas continuou, com pouca venda e tantas outras dificuldades né ! Dificuldade de articulação, diálogo, distância tudo isso... como a gente tá com essa cooperativa pouco tempo a gente já tá pensando ocupar outro mercado, não ficar só nos programas do governo. Numa (outra) linha de produtos, pra não ficar daqui a 10 anos ver que não dá pra ficar só nos programas do governo no PNAE, inclusive junto com as universidades, com professores... nós vamos com certeza caminhar pra ocupar este outro espaço (privado, mercados locais) como cooperativa.”

Segundo a mesma entrevistada, os agricultores familiares associados a COAFFOZ, como, também, outros que não são associados, mas que cultivam hortícolas, atuam com diversos canais de comercialização no mercado local. Ela comenta que eles: “(…) não dependem só da cooperativa (para vender seus produtos). Como é familiar não

conseguem cuidar de toda produção e fazer todas as vendas. (por isso) temos agricultores nas feiras, outros entregam no mercado, outros, ainda, em restaurantes”.

Mas é importante observar que, segundo a entrevistada, para uma família que já tem pouca mão-de-obra para realizar os trabalhos na propriedade, os trabalhos na produção, na embalagem dos produtos e na comercialização individualizada exigem muito tempo dos agricultores e agricultoras. Diante disso, destacou: “(...) por isso eles entram na cooperativa, a cooperativa é uma venda certa nas escolas, ainda, ao invés de arrumar cinco caixas com um monte de produto você vai arrumar cinco caixas com um produto, é mais fácil pela questão da mão de obra”.

Já para o Entrevistado Senhor Ido José Feyk, 68 anos, se autodenomina Assentado Sem Terra do MST- assentamento Antônio Tavares - São Miguel do Iguaçu., 68 anos, a experiência no momento da pandemia se processou com mais dificuldades. Comentou que:

“(...) antes da pandemia conseguia pagar as parcelas de uma caminhonete com a renda do PNAE, renda essa que complementava sua aposentadoria rural que na época era de R\$ 1.090,00. Portanto, descontando a parcela da caminhonete lhe restava R\$ 700,00 por mês e, para ampliar renda, tentou complementar como o que conseguia entregar de casa em casa”.

Porém, ele teve que adentrar ao “mundo” das tecnologias de comunicação para comercializar diretamente nas casas dos consumidores. Foi aí que ele disse, “conseguia entrar em contato e anotar pedidos e sozinho fui entendendo a tecnologia básica, mas o que dificultou foi achar os endereços nos bairros, mesmo com aplicativos de localização”.

O cenário de desafios na comercialização, em tempo de pandemia, influenciou para que o Entrevistado 03 viesse a se associar a COAFFOZ. Segundo ele, “(...) daí a COAFFOZ se organizou e ela tinha todas as possibilidades de ganhar (editais dos programas institucionais) aqui em Foz. Eu e outros vizinhos lá (nos associamos na COAFFOZ), a gente aderiu e com os produtores aqui de Foz do Iguaçu”.

Quando perguntado sobre os desafios de estar associado na COAFFOZ, argumentou:

“(...) tudo depende da organização e da união (dos associados/as). Eu acho que na questão da administração está tudo bem, na questão dos projetos PNAE e PAA tudo tá OK , só temos que fazer uma luta para melhorar os preços. É uma luta que temos que fazer, tinha que ter feito antes, mas hoje estamos com bons ventos”.

Com relação ao aumento ou redução da renda no período da pandemia, o senhor Ido comenta que “não vi (famílias) ganhar dinheiro não, mas, o pessoal (que cultiva) mandioca, eles, sim, mas, muito pouco. (É um cultivo que) dá muito trabalho, cinco seis pessoas da família e não da conta, e muito barato (o valor por quilograma)”.

Para o entrevistado, José Coan Bussolo, agricultor, empresário e ator político, apesar das famílias serem atingidos em várias dimensões (saúde, renda, relações sociais, ...) na pandemia de Covid-19, muitos produtores permaneceram e permanecem nas atividades. Conforme menciona ele, as famílias encontraram alternativas para superar a crise sanitária e econômica. Tendo em vista que grande parte da renda familiar da maioria destes pequenos produtores têm origem nas feiras livres, restaurantes e comércios locais, ou seja, nas cadeias curta de produção e distribuição, muitos sentiram a perda de renda. Porém, em escalas diferentes, pois muitos produzem produtos de fácil comercialização, como grãos, farinhas e pães. Já, esse aspecto é bastante relevante, os mais prejudicados foram os produtores de chamados hortícolas e frutícolas, onde as folhas e frutas são mais suscetíveis ao manuseio de acondicionamento e transporte até o comprador ou consumidor final.

Conforme o entrevistado,

“O agricultor sempre se reinventa. Nos mesmos, lá na pandemia dá pra se dizer que algumas coisas até melhoraram antes eu tinha que fazer entrega de ponto a ponto, tinha que ir fazer o pedido, ir lá ver o quanto batia, o quanto produto tinha ir no mercado conversar com o gerente tirar o pedido fazer a nota para daí entregar. Hoje em dia, a gente faz isso tudo pelo WhatsApp. Liga lá (nos pontos de venda), o próprio mercado se sujeitou a fazer isso. Melhorou até bastante (o processo de comercialização)”.

É possível observar que durante a pandemia, as pessoas e famílias de modo geral passaram por situações não planejadas; ou seja, muitas se viram diante de realidades jamais imaginadas, tais como o isolamento, queda na renda, perdas de familiares e amigos, entre outros aspectos.

Para ele,

“(...) o alimento tu tens que produzir, sempre tem quem vai consumir, apesar da dificuldade que tá aí do pessoal. De ter dificuldade pra comprar e da a situação econômica (geral). Mesmo de quem está empregado o poder aquisitivo caiu muito, ganha menos (na pandemia), vai ter que produzir menos (as famílias de agricultores), porque não vai ter demanda. Alguns produtores produzem no prejuízo. Quem está na integração da carne (família integrada a uma cadeia produtiva de cooperativa) ganhou dinheiro no início da pandemia, ganhou bastante

dinheiro, (pois) a exportação aumentou bastante né! Hoje, já a coisa complicou pessoal já tá perdendo dinheiro. Vida do agricultor é essa, uma hora ganha outra hora perde”.

Observa-se que muitas famílias de agricultores passaram por dificuldades, comentou José Coan Bussolo. Para ele,

“No início da pandemia quando estava tudo muito difícil ninguém sabia o que era, e como saber, como lidar com isso. Houve muita perda de produtos... o pessoal tinha produtos e mesmo pro mercado não conseguia vender né... porque o CEASA atendia os melhores e grandes mercados e não atendia mais o Paraguai... e Argentina, então acabou sobrando aí (produtos), e houve um problema... tinha agricultores que saíram vendendo de casa em casa... As prefeituras pararam de comprar não tinha mais aulas, ... não se atentaram a comprar e distribuir pros alunos; isso só foi pro final do ano e no outro ano... e foi assim cada um foi se virando”.

Ao tratar sobre a venda aos programas de compra institucionais, ele menciona o seguinte:

“(...) cada um apertou de um lado... Nessa linha de produção de verduras, principalmente folhosas os programas não compraram nada. Porque tinha dificuldade de você entregar, estragava demais, uma coisa é você levar a folhosa para ser preparada na escola, outra coisa é armazenar isso numa cesta para pessoa levar pra casa”.

A entrevistada Lucivania Felix, auto declarada, Agricultora certificada argumentou de que

“(...) a gente não sofreu nenhum tipo de dificuldade no começo da pandemia, porque assim, os insumos que a gente usa, como exemplo, eu não uso nada comprado de fora eu uso os adubos meus, são naturais. Os animais se alimentam dos milhos que a gente planta, eles se alimentam com folha de batata, com coisas da chácara”.

Ainda conforme ela, mesmo antes da pandemia já me encontrava em situação de comercialização por delivery (entrega nas casas dos consumidores). Comentou,

“(...) como eu estava com delivery e a demanda estava realmente grande eu consegui escoar toda a produção e ainda faltou. Eu tive que pegar com colegas que também eram certificados (orgânicos); então, eu não tive dificuldade, mas teve colegas (famílias) que tiveram”.

O desafio de manusear as tecnologias de comunicação mais recente não foi problema para Lucivania, ao contrário, diz ela:

“(...) eu trabalhei direto... inclusive eu gostaria, se tiver uma nova pandemia, alguma coisa eu gostaria de instruir as outras pessoas de como eles podem fazer pra não ter algum tipo de problema. Porque eu não tive e eu não queria que ninguém tivesse, essa questão de trabalhar ali a parte das vendas na internet”

Observa-se que as percepções dos entrevistados convergem para a análise de que no que se refere à renda houve perdas para parte expressiva desses agricultores familiares. Porém, uma parcela pode obter inclusive vantagens com a pandemia, como podemos ver com clareza na entrevista de Lucivania Felix. Foi possível constatar que os agricultores com o cultivo de hortícolas e frutícolas foram mais impactados frente aqueles com produtos menos perecíveis. Ainda, a necessidade de aprender a utilizar as tecnologias de comunicação atuais foi uma necessidade para todos/as. Por fim, ficou manifesto pela maioria das entrevistas a importância da organização dos agricultores familiares no acesso aos diversos canais de mercados de proximidade.

3.2 Segurança Alimentar das Famílias

Não houve discordância entre os entrevistados da importância da estratégia de autoconsumo nas unidades familiares. Esta produção contribuiu para não haver mais comprometimento com a SAN e, também, amenizou suas perdas econômicas.

Ao falar sobre a segurança alimentar, a senhora Luci Andregghetti valorizou ainda mais a sua produção de autoconsumo familiar. Nas palavras dela: “de minha parte eu acabei consumindo mais produtos do sítio do que de fora”.

Para Ido José Feyk, que tem um cultivo de bananas em sua propriedade, a situação ficou complicada com o fato de uma seca e geada atingir seu bananal no período da pandemia. Foi necessário, nas palavras dele “(...) tirar (dinheiro) das economias para tocar a vida”. Já, para a alimentação da família, “(...) foi muito pelo contrário como não tinha venda a gente comia tudo. (...) a alimentação em primeiro lugar o excedente a gente vende”. Conforme ele, e na perspectiva da SAN, continua a dizer:

“O ideal seria continuar um programa de entrega de bolsas de alimentos para as crianças dos colégios de famílias carentes. Isso deveria ter um programa, quando tivesse e mesmo assim que não tivesse, é necessário fazer isso pra que as crianças tenham alimentação saudável, pra ter um bem-estar em casa e poder estudar bem...”.

A percepção do entrevistado, em favor de uma boa alimentação, em especial para crianças de famílias em situação de vulnerabilidade, objetivando um bom aprendizado na escola, coloca desafios para a sociedade e o governo local.

Ao comentar sobre a situação da segurança alimentar das famílias rurais, o senhor José Coan Bussolo comenta: “Eu acho assim; acho uma falácia muito grande que o agricultor passa fome. Agricultor (a família) dificilmente passa fome”. Ele comenta sobre o caso das famílias com integração, como exemplo os integrados com a avicultura. Nesses casos:

“(...) o agricultor que está integrado... numa situação dessa (de pandemia) amanhã ou depois vai passar fome; ele é proibido de produzir outra coisa, dependendo. Você não pode mais criar galinha, criar porco, ... Daí não tem galinha não tem ovo... há uma série de restrições que é preocupante” (Ent. 02)

Por sua vez, para as famílias não integradas em cadeias produtivas de carnes, ou seja, aquelas famílias que produzem com vistas ao mercado local e que procurou apoios nas suas organizações para comercializar seus produtos “(...) esta vendendo seus produtos da agricultura familiar. Ele tem condições de produzir uma gama de produtos que não venha passar necessidades” José Coan Bussolo.

Para a agricultora Lucivania, no que se refere a SAN, concorda com a percepção de José Coan Bussolo, e reforça:

“ (...) eu sou do tipo de agricultora que tento ser autossustentável o mais que puder. Você tem chácara, você trabalha com aquilo ali. Como você vai comprar coisa fora. Não vai produzir seu alimento, se você tem aquela terra ali. Eu acho que a pandemia devia ter sido uma lição pra muitas pessoas, para as pessoas que tem mais não sabe utilizar.”

Uma das estratégias tradicionais e dos agricultores/as modernas tratados neste trabalho é o autoconsumo, os sistemas agroecológicos e práticas sustentáveis de produção nos espaços destinados à alimentação da própria família, garantindo assim sua segurança alimentar familiar, antes, durante e depois da pandemia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve em vista analisar os impactos da pandemia de Covid-19 sobre os agricultores familiares sobre renda financeira e na SAN sob a ótica dos agricultores familiares entrevistados.

Observa-se que as percepções dos entrevistados convergem para a análise de que no que se refere à renda houve perdas para parte expressiva desses agricultores familiares. Porém, uma parcela pode obter inclusive vantagens com a pandemia.

Foi possível constatar que os agricultores com o cultivo de hortícolas e frutícolas foram mais impactados frente aqueles com produtos menos perecíveis.

Ainda, a necessidade de aprender a utilizar as tecnologias de comunicação atuais foi uma necessidade para todos/as. Também, ficou manifesto pela maioria das entrevistas a importância da organização dos agricultores familiares no acesso aos diversos canais de mercados de proximidade.

A produção de autoconsumo adotada pelas famílias dos entrevistados evidenciou o quão importante é para a SAN destes agricultores. Pois, trata-se de uma produção que não passa pelo mercado, mas está na estratégia dessas famílias como parte de uma renda não-financeira.

Como proposta de mitigar efeitos negativos na renda e na SAN desses atores, seja em crises sanitárias, econômicas ou em períodos de “normalidade”, que estes fortaleçam suas redes de apoio. Assim como pleitear via cooperativas e associações que haja um amplo e estruturado plano de democratização digital no campo com acesso e qualidade não só como direito de inserção social, mas também como construção e ocupação de um mercado por *E-commerce*, a Agricultura Familiar pelo meio digital.

Por fim ratificar que se faz necessário o envolvimento do Estado no dever de suprir a população com políticas públicas de relevância humanitária no âmbito federal, estadual e municipal com ou sem participação de organismos internacionais como ONU, FAO e OMS; catástrofes globais comprometem a dignidade humana, seja por insegurança alimentar levando a fome e a morte, ou seja, por priorizar sistemas econômicos sem compromisso com o social.

Bem-estar, qualidade de vida das pessoas, segurança alimentar e desenvolvimento rural não se dissociam.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Joacir Rufino de; GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. **Dualismo no campo e desigualdades internas na agricultura familiar brasileira**. Revista de Economia e Sociologia Rural, Piracicaba, v. 56, n. 1, p. 123-142, 2018. Disponível em: <https://www.revistasober.org/article/doi/10.1590/1234-56781806-94790560108>. Acesso em: 14 abr. 2023.

BRASIL. Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11346.htm . Acesso em: 29 ago. 2022

BRASIL. Decreto Nº 9.064, DE 31 DE MAIO DE 2017. Dispõe sobre a Unidade Familiar de Produção Agrária, institui o Cadastro Nacional da Agricultura Familiar e regulamenta a Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006 , que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e empreendimentos familiares rurais. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9064.htm . Acesso em: 29 ago. 2022.

Brasil, **Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional** – (Lei n.º 11.346, de 2006).

CHMYZ, Igor. **Estado atual das pesquisas arqueológicas na margem esquerda do rio Paraná (Projeto Arqueológico Itaipu)**. Universidade Federal do Paraná, 1982. pg. 10

GRAZIANO, José. Aula magna com José Graziano aborda **a segurança alimentar na pandemia. Instituto de Economia da Unicamp (IE)**, 22 Abril 2021. Disponível em: <https://www.economia.unicamp.br/noticias/aula-magna-com-jose-graziano-aborda-a-seguranca-alimentar-na-pandemia> . Acesso em: 22 abr. 2022.

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Foz do Iguaçu: população**. 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/foz-do-iguacu.html> Acesso em 20 nov. 2022.

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produtores Pessoal ocupado em estabelecimentos agropecuários**: 2017. Disponível em: https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/produtores.html?localidade=41

II VIGISAN — **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**. 2022 Disponível em <<https://olheparaafome.com.br> . Acesso em: 17 Jan. 2023

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Perfil do município de Foz do Iguaçu**. Disponível em:

<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85850&btOk=ok>

Acesso em: 22 nov. 2022.

MALUF, Renato Sergio Jamil. **Mercados Agroalimentares e a Agricultura Familiar no Brasil: agregação de valor, cadeias integradas e circuitos regionais**. Ensaios FEE. Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 299-322, 2004

MOLINAS BOGADO, Leticia Diana et al. **HÁBITOS ALIMENTARIOS DE LOS AGRICULTORES FAMILIARES, ANTES Y DURANTE LA PANDEMIA COVID-19 EN LA COMUNIDAD DE YBYRATYESCOBAR, PARAGUAY**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso, p. 29, 2022.

OPAS — Organização Pan-Americana da Saúde. **Histórico da pandemia de COVID-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#gsc.tab=0>
Acesso em: 19 out. 2022.

PMFI. Prefeitura do Município de Foz do Iguaçu. Plano diretor municipal. – **Avaliação temática integrada. Foz do Iguaçu, PR**: PMFI, v. 1, ago. 2006. 284p

SCHNEIDER, Sergio. **Mercados e agricultura familiar**. Construção de mercados e agricultura familiar: desafios para o desenvolvimento rural, v. 1, p. 97-140, 2016.

SCHNEIDER, Sergio et al. **Os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o agronegócio e a alimentação**. Estudos avançados, v. 34, p. 168, 2020.

SCHNEIDER, José Odelso, **A Doutrina do Cooperativismo: Análise do Alcance, do Sentido e da Atualidade dos seus Valores, Princípios e Normas nos Tempos Atuais**. Revista do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social - CIAGS & Rede de Pesquisadores em Gestão Social - RGS , Cadernos Gestão Social v.3, n.2, jul./ dez. 2012

VALENTE, Flávio Luiz Schieck. **Do combate à fome à Segurança Alimentar e Nutricional: o Direito Humano à Alimentação Adequada**. In: Direito Humano à Alimentação Adequada: desafios e conquistas. São Paulo: Cortez Editora, 2002; p.40-43

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes históricas do campesinato brasileiro. Agricultura familiar**: realidades e perspectivas, v. 3, p. 21-55, 1999.

WESZ JUNIOR, Valdemar João; NIEDERLE, Paulo André. **Agroindustrialização e agricultura familiar: novas dinâmicas de desenvolvimento rural na região das Missões, RS**. Revista Geo UERJ, Ano 9, nº 17, vol. 2, 2º semestre de 2007.